OCHE Ceará 2026 (Ensino Fundamental/Ensino Médio)

OCHE Ceará

Período da prova: de 21/09/2026 14:00 até 26/09/2026 18:00

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

OCHE Ceará 2026 (Ensino Médio) — Fase 2 - OCHE Ceará 2026 - OCHE Ceará 2026 (Ensino Médio)

Mapa de questões

12	13	14	15	16	17	18	19	20	21

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 12 (5,00 pontos)

História oral transformada em dados



Prêmio Jovem Cientista reconhece iniciativas de combate à mudança do clima. — Foto: Arquivo pessoal

Fonte: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2026/01/17/inspirado-nos-profetas-da-chuva-jovem-e-premiado-com-sistema-de-ia-de-previsao-do-tempo.ghtml


g1 CEARÁ BUSCAR

Estudante de escola pública do CE vai representar o Brasil nos EUA com projeto de IA que mapeia feminicídios

Yanna Queiroz, 16 anos, desenvolveu uma ferramenta que analisou mais de 5 mil dados sobre os feminicídios ocorridos no estado e mostrou tendências sociais, territoriais e contextuais das mortes.

Por Samuel Pinusa, g1 CE

Fonte: https://g1.globo.com/ce/ceara/educacao/noticia/2026/03/29/estudante-de-escola-publica-do-ce-vai-representar-o-brasil-nos-eua-com-projeto-de-ia-que-mapeia-feminicidios.ghtml

TEXTO 12

O estudante cearense Raul Victor Magalhães Souza, de 16 anos, natural de Iracema (CE), venceu o Prêmio Jovem Cientista com um projeto que une inteligência artificial aos saberes tradicionais dos "profetas da chuva" do Vale do Jaguaribe. O sistema abastecido com informações fornecidas por profetas locais organiza dados de fenômenos atmosféricos, fatores botânicos e comportamento animal, cruzando-os com dados oficiais da Funceme e do Inmet. Com 94,5% de precisão nas previsões climáticas, o jovem explica que a plataforma digitaliza a sabedoria popular e amplia o acesso de agricultores familiares a ferramentas meteorológicas.

Fonte: FEITOSA, Gabriela. Inspirado nos 'profetas da chuva', jovem é premiado com sistema de IA de previsão do tempo. **G1 CE**, 17 jan. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2026/01/17/inspirado-nos-profetas-da-chuva-jovem-e-premiado-com-sistema-de-ia-de-previsao-do-tempo.ghtml

TEXTO 13

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Yanna Queiroz, de 16 anos, estudante da EEMTI Deputado Joaquim de Figueiredo Correia, em Iracema (CE), conquistou o 1º lugar em Ciências Sociais Aplicadas na FEBRACE e a credencial para representar o Brasil na feira internacional ISEF. Sua pesquisa utiliza inteligência artificial e aprendizado de máquina para analisar mais de 5 mil relatos de crimes no Ceará entre 2022 e 2025. A ferramenta alcançou quase 99% de acurácia na identificação de padrões demográficos e territoriais das vítimas de feminicídio. A estudante destaca que o objetivo central da pesquisa é subsidiar o poder público na formulação de políticas de prevenção e alocação de equipamentos de proteção às mulheres.

Fonte: Estudante de escola pública do CE vai representar o Brasil nos EUA com projeto de IA que mapeia feminicídios. **G1 CE**, 29 mar. 2026. Disponível em: https://g1.globo.com/ce/ceara/educacao/noticia/2026/03/29/estudante-de-escola-publica-do-ce-vai-representar-o-brasil-nos-eua-com-projeto-de-ia-que-mapeia-feminicidios.ghtml

A partir da leitura das reportagens e da análise do conceito de Educação Científica e Tecnologia Social, avalie as alternativas a seguir:

A.

Os projetos de pesquisa desenvolvidos por jovens em escolas públicas cearenses utilizam o aprendizado de máquina para responder a desafios específicos do estado, estimulando o protagonismo dos estudantes e aproximando o conhecimento escolar de problemas concretos da sociedade.

B.

As iniciativas revelam como a iniciação científica na escola pública permite articular a tecnologia à realidade local, empregando ferramentas computacionais para sistematizar estatísticas sociais e validar conhecimentos ancestrais frente aos dilemas contemporâneos do Ceará.

C.

A produção científica escolar no Ceará evidencia a tecnologia social como vetor de emancipação, no qual a Inteligência Artificial pode dialogar com as demandas da sociedade, ressignificando saberes tradicionais e fornecendo subsídios para políticas públicas voltadas à equidade e à sustentabilidade.

D.

A inserção da Inteligência Artificial em projetos científicos da educação básica reduz a necessidade de investigações empíricas tradicionais e atividades de campo, demonstrando que o uso de algoritmos dispensa o embasamento em dados sociológicos e na memória comunitária regional, permitindo usos das tecnologias sociais nas comunidades.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 13 (5,00 pontos)



Panelada servida em recipiente de barro, com arroz e cuscuz. Fortaleza-Ce.

Fonte: Arquivo Comissão Organizadora OCHE Ceará, 2026.



Senhor Cosme Muniz, um dos sócios da Panelada da Rita.

Fonte: Sabores da Cidade, 2026.

TEXTO 14

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

No bairro Vila Peri, em Fortaleza, o restaurante regional Panelada da Rita serve pratos da culinária sertaneja em um espaço que remete ao passado: telefones de gancho, televisores antigos e uma bodega raiz compõem a decoração. A casa é comandada pelo casal Rita de Cássia e Cosme Muniz. "A gente achava que ia ficar só com a panelada e os clientes começaram a pedir mão de vaca, rabada, carneiro, porco, sarrabulho", conta a proprietária. Os itens antigos funcionam: os clientes podem receber uma ligação direto da cozinha pelo telefone que fica no salão.

Fonte: Adaptado de: **SABORES DA CIDADE**. Panelada da Rita: sabores regionais em um espaço que parece voltar no tempo. Fortaleza, 5 mar. 2026. Disponível em: https://saboresdacidade.com/2026/03/05/panelada-da-rita-sabores-regionais-em-um-espaco-que-parece-voltar-no-tempo/

TEXTO 15

A gastronomia regional cearense, quando utilizada pelas atividades turísticas, fortalece a imagem regional, valoriza a cultura e o patrimônio histórico e cultural, agregando-se a natureza e a outros atrativos. A busca das raízes culinárias e a forma de entender a cultura de um lugar por meio de sua gastronomia estão adquirindo importância cada vez maior [...]

Fonte: GONDIM NETO, Leopoldo et al. A gastronomia cearense e sua contribuição ao turismo. **Revista Conexões** – IFCE, Fortaleza, v. 15, n. 1, 2017, p. 21. Disponível em: https://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/1320/1054

A partir dos textos expostos, podemos dizer que a culinária também pode passar pelo conceito de **iteração cultural**. Ele pode ser definido como um processo de atualização de uma prática, espaço ou elemento cultural, no qual novas camadas de sentido são inseridas sem apagar as origens. A identidade cultural não desaparece, mas ganha novos significados ao ser transplantada para novos contextos.

Com base nas imagens, nos textos e no conceito de iteração cultural, analise as alternativas.

A.

A Panelada da Rita realiza uma iteração cultural ao transportar elementos do cotidiano sertanejo – panela de barro, bodega, objetos antigos – para Fortaleza, ressignificando-os no espaço urbano sem apagar sua origem, e criando um lugar instagramável, onde a identidade cearense é ao mesmo tempo preservada e conectada ao presente.

B.

A Panelada da Rita imita o sertão cearense exclusivamente para atrair turistas externos que buscam exotismo nordestino. Ao criar um cenário artificial com objetos antigos e pratos típicos, o restaurante substitui as tradições culinárias genuínas do interior por um produto de consumo desconectado da identidade e da população local.

C.

A Panelada da Rita é um restaurante no bairro Vila Peri, em Fortaleza, que serve pratos da culinária sertaneja, como panelada, mão de vaca e sarrabulho, em espaço decorado com itens nostálgicos – telefone de gancho e televisores antigos –, criando um ambiente que remete ao cotidiano do interior cearense.

D.

A Panelada da Rita itera a cultura cearense ao sobrepor memória sertaneja e cotidiano urbano: os pratos e objetos antigos evocam o passado regional, enquanto a sociabilidade do restaurante os insere no presente de Fortaleza ao ser ressignificada no espaço urbano; a gastronomia regional torna-se um vetor ativo de identidade coletiva contra a homogeneização cultural.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 14 (5,00 pontos)



Disponível em: https://www.fortalezaemfotos.com.br/2014/03/um-jardim-chamado-passeio-publico.html



Disponível em: http://www.fortalezanobre.com.br/2012/08/o-passeio-publico-e-os-clubes-na.html

TEXTO 16

O Zuza não tinha pressa em se formar. De resto era uma questão de tempo o seu bacharelato. Resolvera passar mais alguns meses no Ceará com a família, e então ir-se-ia completar o curso. Já agora o Ceará não lhe era inteiramente uma terra má. Habituava-se pouco a pouco a essa vida de província pacata em que se trabalha um quase nada e fala-se muito da vida alheia. Maria do Carmo tinha-lhe escrito uma cartinha lacônica e expressiva confessando o seu amor. Entregou-a ela mesma, no Passeio Público, numa quinta-feira, à noite, uma belíssima noite de luar. A avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico de um terraço oriental onde passeavam princesas e odaliscas sob um céu de prata polida, com suas filas de combustores azuis, encarnados e verdes, com as suas esfinges... Senhoras de braço dado, em toaletes garridas, iam e vinham ao macadame, arrastando os pés, ao compasso da música, conversando alto, entrechocando-se, numa promiscuidade interessante de cores, que tinham reflexos vivos ao luar: de um lado e de outro da avenida duas alas de cadeiras ocupadas por gente de ambos os sexos, na maior parte curiosos que assistiam tranquilamente o vaivém contínuo dos passeantes. [...]

E continuava a chegar gente e a encher o Passeio por todas as avenidas do primeiro plano, cruzando-se em todos os sentidos, acotovelando-se, confundindo-se. Na Mororó, mais larga que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes: criadinhas morenas e rechonchudas, com os seus vestidos brancos de ver a Deus, de avental, conduzindo crianças; filhas de famílias pobres em trajes domingueiros, muito alegres na sua encantadora obscuridade; mulheres de vida livre sacudindo os quadris descarnados, com ademanes característicos, perseguidas por uma troça de sujeitos pulhas que se punham a lhes dizer gracinhas insulsas. Toda uma geração nascente, ávida de emoções, cansada de uma vida sedentária e monótona, ia espairecer no Passeio Público aos domingos e quintas-feiras, gratuitamente, sem ter que pagar dez tostões por uma entrada, como no teatro e no circo. Ali não havia distinção de classes, nem camarotes, nem cadeiras de primeira ordem: todos tinham ingresso para saracotear nas avenidas ao ar puro das noites de luar. [...]

Quando a música parava, um realejo fanhoso, ao som do qual rodavam cavalinhos de pau, em um dos ângulos do jardim, gemia, num tom dolente e irritante, o Trovador, atordoando os ouvidos delicados do Zuza que achava aquilo simplesmente insuportável e medonho como um assassinato em plena rua.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

— Como é que se consentia semelhante importunação em uma capital que tinha foros de civilizada? Oh! Em Pernambuco o italiano que se lembrasse de tocar realejo à porta de uma república era imediatamente punido a batatas e a cascas de laranja. Estava muito atrasadinho o Ceará!

Gostava pouco de ir ao Passeio, o que fazia raríssimas vezes a convite de José Pereira, que comparava aquilo a um paraíso.

— O Passeio Público? Dizia ele; o Passeio Público é um dos mais belos do Brasil, é a coisa mais bem-feita que o Ceará possui. Que vista, que magnífico panorama se aprecia da Avenida Caio Prado, à tarde! Nem o Passeio Público do Rio de Janeiro!

E justificava o antibairrismo do estudante:

— É que tu tens passado a melhor parte da tua vida na Corte e em Pernambuco, menino, dizia ele. Se vivesses algum tempo nesta terra, havias de gostar extraordinariamente. Mas o que te posso afirmar é que no Brasil não há uma cidade tão bem alinhada como esta, uma iluminação mais rica do que a nossa e um Passeio Público assim como este.

"— Não duvidava, não duvidava, mas o Ceará ainda estava muito atrasadinho, lá isso estava." [...]

— Isto é um inimigo do Ceará, D. Lídia, atalhou José Pereira rindo, com a sua voz muito grossa, os dentes muito brancos e pequeninos. Isto é um vândalo!

— Vândalo, não. Sou apenas um admirador, um amante do progresso. A meu ver, repito, o Ceará tem muito ainda (...) que andar para ser uma capital de primeira ordem.

Fonte: CAMINHA, Adolfo. **A normalista**. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 122-129. Disponível em: https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/normalista.pdf

No trecho de A Normalista escrito por Adolfo Caminha, a ideia de progresso aparece associada à modernização urbana e à aproximação com modelos considerados civilizados pelas elites do século XIX. Esse ideal refletia uma visão histórica segundo a qual desenvolvimento técnico, crescimento econômico e urbanização representariam necessariamente avanço social e humano.

Analise os itens:

A.

Ao considerar Fortaleza uma cidade atrasada, Zuza pressupõe uma história linear e progressiva. Para Michel Foucault, porém, a história é marcada por rupturas e descontinuidades. Assim, as diferenças entre sociedades não indicam estágios de um mesmo progresso, mas distintas formas históricas de produzir saberes, valores e modos de vida.

B.

Progresso, para o filósofo alemão Kant, significa a saída da "menoridade" por meio do uso autônomo da razão. Nesta perspectiva, uma sociedade depende da capacidade dos indivíduos de questionarem costumes e tradições que limitam sua autonomia intelectual, promovendo formas mais racionais de organização da vida social.

C.

Ao afirmar que o Ceará precisava "andar muito para ser uma capital de primeira ordem", Zuza expressa uma concepção de progresso semelhante à de Augusto Comte, segundo a qual o desenvolvimento social ocorre quando as tradições locais são abandonadas e substituídas pelos modelos culturais considerados superiores.

D.

O trecho expressa uma expectativa de que a história siga um caminho contínuo de aperfeiçoamento material e civilizacional. Entretanto, Walter Benjamin problematiza essa concepção linear de progresso, argumentando que aquilo que frequentemente é celebrado como avanço também pode ocultar processos de exclusão, destruição e esquecimento.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 15 (5,00 pontos)

TEXTO 17

Ibiapaba, que na língua dos naturais quer dizer "terra talhada", não é uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao sertão das praias de Camuci, e mais parecidas a ondas de mar alterado que a montes, se vão sucedendo e como encapelando umas após das outras, em distrito de mais de quarenta léguas. São todas formadas de um só rochedo duríssimo, e em partes escalvado e medonho, em outras coberto de verdura e terra lavradia, como se a Natureza retratasse nestes negros penhascos a condição de seus habitadores, que, sendo sempre duros e como pedras, às vezes dão esperanças e se deixam cultivar.

Fonte: VIEIRA, Pe. Antônio. **A missão de Ibiapaba**. Coimbra: Edições Almedina, 2006, p. 47.

TEXTO 18

Fragmento do romance Terra talhada, de Carlos Vazconcelos

Padre Pinto, que falava a língua local e até outras línguas estrangeiras, não teve tempo de dizer uma ai. Morreu como um sibite e ali se extinguiu seu canto. Ainda hoje se procura e por muito tempo haverão de procurar a sepultura do jesuíta. Dizem alguns, instalou-se a cova no território onde hoje é a Paupina, em louvor da vítima; outros dizem que fincada foi nos confins do Carnaubal. Jamais a encontrarão, pois a terra maldita naquele instante não seria digna e o Espírito Santo libertou a matéria sepultando-o no éter. No entanto, os homens de bem marcaram o suposto lugar com uma cruz, para que os filhos da fé tivessem onde dobrar os joelhos órfãos em busca de bênçãos e milagres.

Pai Pina! Pai Pina! Paupina! – Passaram os nativos a chamar Padre Pinto, numa associação de sons, com as sílabas plosivas de sua língua cortante, saudosos da memória do sacerdote também chamado Amanaiara, que significa "aquele que faz chover".

Tempos depois, na vereda de um mocozal, encontra-se cunhada na superfície da laje uma pisada humana. Acudiram àquele sítio crentes de todas as paragens, a orar e pedir. A pegada seria do piedoso Padre Pinto, eternizada na pedra por obra e graça divina – assim determinou a fé boa e ingênua do povo.

Fonte: VAZCONCELOS, Carlos. **Terra talhada**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2024, p. 35.

TEXTO 19

Fragmento do romance A casa, de Natércia Campos

Chegou, vindo de longe, o passador de gado, descera ele da terra talhada de escalvados penhascos. Contava que ao caírem as primeiras águas, se elas enchessem a marca da pegada humana, deixada na pedra pelo bem-aventurado Pai Pina – depois invocado por sua intervenção milagrosa como Amanaiara, o Senhor das chuvas –, era certo que ele as mandaria descer das nuvens. Este ano não acontecera, nem sequer empoçara a cova do pé, só dera para umedecer a marca deixada por aquele santo andarilho, em missão de doutrina, a pregar amor e bondade quando foi morto a golpes de pau-ferro pelos primitivos tacarijus. Dele, restara a crença de que atraía as chuvas para aquelas terras e seus ossos em um saco continuaram uma singular peregrinação, eram levados e enterrados nas aldeias indígenas daquele sertão velho. Não se apagou da memória a crença mística e a pedra atesta sua santa passagem.

Fonte: CAMPOS, Natércia. **A casa**. Fortaleza: Editora UFC, 2004, p. 21-22.

Após a leitura atenta dos excertos acima, assinale uma opção:

A.

O Padre Francisco Pinto (o Amanaiara) foi morto cruelmente na serra da Ibiapaba em missão catequética. As versões diferentes acerca de seu sepultamento, apresentadas pelos romances, expressam a liberdade de criação da Literatura, elemento que deve ser evitado na construção do discurso histórico.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

B.

A narrativa de um religioso cristão, que deixa pegadas mágicas, não é exclusividade da Literatura cearense. Em Macunaíma, de Mário de Andrade, a lenda do Sumé ilustra um dos capítulos, demonstrando que tais enredos e mitos podem ter circulado no Brasil através da tradição oral do conto popular, adaptando-se aos contextos locais.

C.

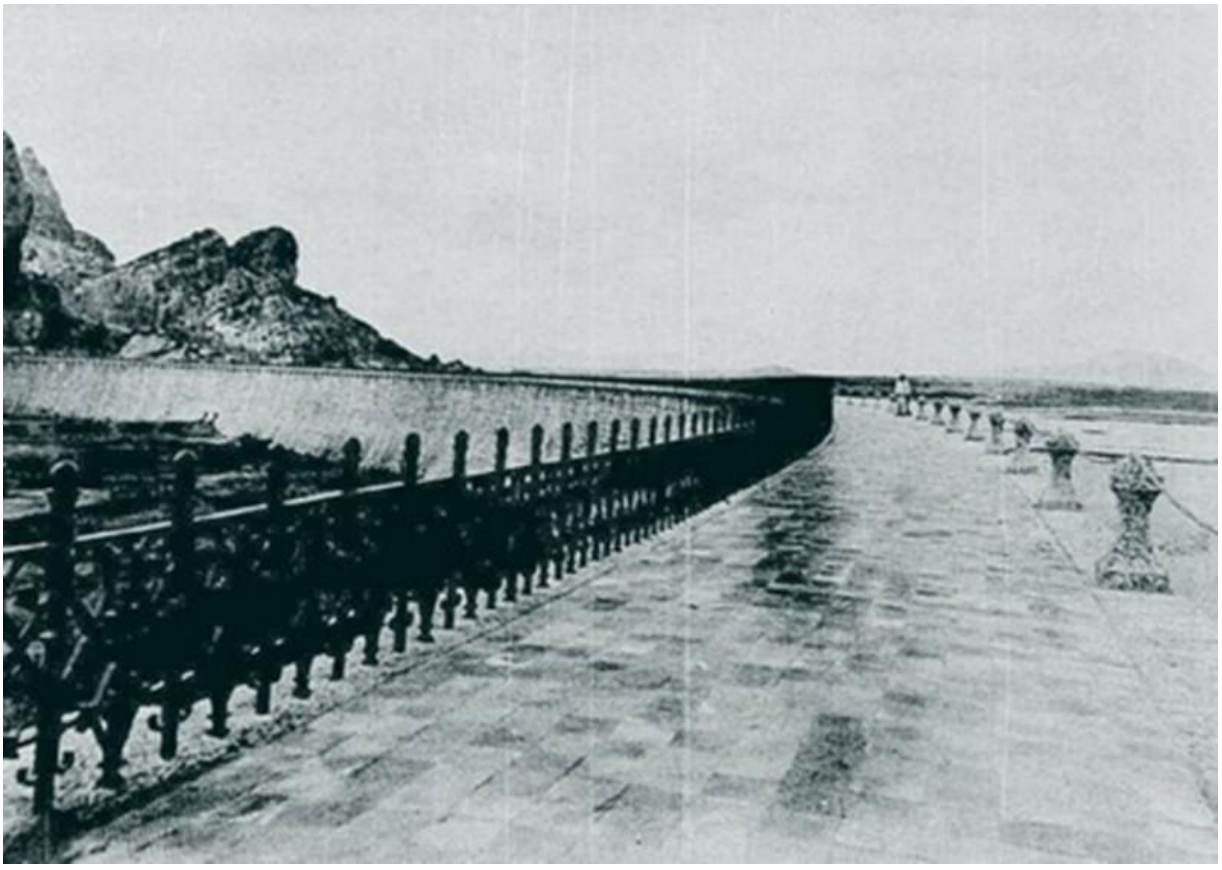
A expressão "terra talhada" é uma marca da presença indígena no vocabulário brasileiro ao longo dos séculos. Tanto é que deu título ao romance de Carlos Vazconcelos e aparece no romance de Natércia Campos (escritos mais recentemente), como também a percebemos num documento do século XVII redigido pelo padre Antônio Vieira.

D.

A julgar apenas pelos fragmentos acima, é possível afirmar que os autores dos romances em questão, para ornamentar seus textos, valorizaram não só os fatos, como também buscaram fontes em lendas e contos populares. Já o padre Antônio Vieira atentou-se apenas em apresentar impressões acerca de uma realidade palpável.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 16 (5,00 pontos)



QUIXADÁ (CE) – Vista do grande Açude, que custou aos cofres públicos a quantia de mais de 5.000:000$000 (moeda da época), construído sob os riachos Verde, Caracol e Sitiá, numa área de 21.000.000,²00 (foto de 1906).

Fonte: http://www.ibamendes.com/2012/06/fotos-antigas-de-cidades-do-ceara-iv.html

TEXTO 20

Situado próximo à cidade de Quixadá, na região centro-sul do Ceará, constitui-se no mais importante complexo arquitetônico, histórico e cultural da região e um dos mais importantes testemunhos da histórica capacidade da engenharia nacional.

Cabe lembrar a decisiva contribuição dada pelo Imperador Pedro II para que a sua construção se tornasse uma realidade, apoiando o seu projeto de construção, por sua histórica sensibilidade em relação à necessidade de atenuação dos efeitos das secas. (...)

Fonte: DNOCS. **Açude Cedro**. Disponível em: https://www.gov.br/dnocs/pt-br/assuntos/noticias/acude-cedro

Link alternativo

TEXTO 21

Nos momentos de irregularidade de chuvas, o reservatório era visto como uma tábua de salvação para os governantes, já que o trabalho em Quixadá ocupava centenas de retirantes e os impedia de migrar para a cidade de Fortaleza. Para os desvalidos, isso significava a sobrevivência. Por outro lado, quando retornavam as precipitações pluviais, muitos preferiam voltar para o campo (...)

Fonte: MONTEIRO, Renata Felipe. **Um Monumento ao Sertão**: ciência, política e trabalho na construção do Açude Cedro (1884-1906). Fortaleza: UFC, 2012, p. 189. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6146

Link alternativo

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

A partir dos documentos, reflita sobre os impactos sociais e políticos da construção do Açude do Cedro em Quixadá e escolha uma das alternativas:

A.

O projeto do açude foi financiado pelo governo Imperial e permitiu que os retirantes abandonassem a agricultura para se transformarem em operários industriais em Quixadá.

B.

A obra pública funcionou como uma estratégia de contenção social, utilizando a geração de empregos no interior para impedir a migração de retirantes para a capital.

C.

A construção do açude ofereceu frentes de trabalho temporário aos sertanejos durante os períodos de estiagem, garantindo a sua sobrevivência imediata.

D.

A obra gerou tensão entre os objetivos do governo de fixar e disciplinar a mão de obra e a resistência cultural dos camponeses que retornavam à terra com a volta das chuvas.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 17 (5,00 pontos)



Disponível em: https://pt.aguasamazonicas.org/fish/tucunares-3

A ocorrência de espécies exóticas de peixes em rios e lagoas do estado do Ceará tem sido muito comum. Os tucunarés (*Cichla monoculus*), por exemplo, têm se tornado comuns nos ambientes aquáticos do nosso Estado.

CONTEÚDO RELACIONADO

COSTA, Renan; DE MELLO, Rodrigo. Um Um Panorama Sobre a Biologia da Conservação e as Ameaças à Biodiversidade Brasileira. **SAPIENS**, *[S. l.]*, v. 2, n. 2, p. 50–69, 2021. Disponível em: https://revista.uemg.br/sps/article/view/5493

LEVIS, Carolina. TELTON; Pedro Anselmo Ramos; LIMA, Sérgio Maia Queiroz. **A disputa desigual entre peixes nativos e exóticos do semiárido**. Natal: EDUFRN, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/325429670_A_disputa_desigual_entre_peixes_nativos_e_exoticos_do_semiarido

UNIRIO. Tucunaré provoca redução de espécies nativas ao ser introduzido em novo ambiente, aponta estudo do PPGBIO. Unirio, RJ, 2021. Portal. Disponível em: http://www.unirio.br/news/tucunare-provoca-reducao-de-especies-nativas-ao-ser-introduzido-em-novo-ambiente-aponta-estudo-da-unirio

Link alternativo

A respeito da questão ambiental relacionada à introdução de espécies exóticas, como o tucunaré, em corpos hídricos cearenses, analise as afirmações a seguir:

A.

A introdução de tucunarés em corpos hídricos cearenses causa a redução de populações de peixes nativos, ocasiona impactos na comunidade de peixes e provoca desequilíbrio na cadeia alimentar.

B.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

As espécies de tucunarés foram introduzidas no Nordeste brasileiro para atividades ornamentais, devido à estética do peixe. Por conta dos descuidos nessa criação, a espécie começou a povoar diversos ambientes aquáticos, para além dos criadouros controlados.

C.

O tucunaré é um peixe carnívoro predador de topo de cadeia alimentar, predando espécies nativas e ocupando espaços de outros peixes.

D.

O tucunaré é um peixe originário da região Amazônica, mas que atualmente já ocupa vários rios, lagos e açudes de todo o Brasil.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 18 (5,00 pontos)

TEXTO 22

Alencar tinha no indianismo a proposta de ruptura, uma autoafirmação, uma busca pelo símbolo nacional, entretanto, apesar de sua motivação e seu ideal ser até digno de certo louvor, o que se constata, por intermédio da óptica pós-colonial, é que há uma exaltação da figura do colonizador e por um efeito contrário, ainda que quisesse situar o índio como herói, a afigurasse uma imagem totalmente dócil e submissa aos caprichos do colonizador.

Fonte: MONÇÃO, M. S.; ASSIS, W. L. Uma análise da obra Iracema de José de Alencar à luz da Teoria Crítica Pós-colonial. In: BARROS, A. A. et al. (Orgs.). **Estudos literários**: diálogos e poéticas. Joinville: Clube dos autores, 2018, p. 134-147. Disponível em: https://www.calameo.com/read/00289630731b4d76db347

TEXTO 23

Até muito pouco tempo atrás era comum pessoas dizerem que não existia literatura indígena porque os nativos não dominavam a escrita e seu instrumento preferencial era a oralidade. Alguns especialistas chegavam a dizer que um indivíduo indígena, ao escrever, deixava de ser indígena, porque isso é incompatível com sua tradição oral. Ainda hoje pesquisadores jovens que tentam estudar essa literatura em seu mestrado ou doutorado encontram forte resistência entre os orientadores, por estes não aceitarem a existência de tal literatura como objeto de pesquisa.

Fonte: MUNDURUKU, Daniel. **A literatura indígena não é subalterna**. Disponível em: https://revistaphilos.com/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna-por-daniel-munduruku-2/

TEXTO 24

Apesar da falta do seu reconhecimento na sociedade letrada, as vozes indígenas não se calam. O seu lugar está reservado na história de um outro mundo possível. Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão identitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas.

Fonte: GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013, p. 55.

Analise os itens sobre as relações entre a literatura indigenista e a literatura indígena contemporânea cearense:

A.

A literatura indigenista, representada pelo cearense José de Alencar, propõe o protagonismo dos povos originários, ressaltando as distinções culturais entre as etnias e garantindo a autoria aos indígenas.

B.

A inclusão linguística e literária dos povos indígenas é uma temática ignorada pela tradição indigenista, mas reivindicada por obras indígenas contemporâneas, a exemplo da autora cearense Telma Tremembé.

C.

Um exemplo da legitimidade e da diversidade autoral da literatura indígena contemporânea, a despeito de estereótipos temáticos e estéticos, é a atuação da autora cearense Yakekan Potyguara.

D.

Contemporaneamente, a literatura indígena cearense se manifesta em diversas formas, como livros, cordéis, zines e projetos literários multimidiáticos, abrangendo tanto a tradição oral quanto a escrita ocidental.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 19 (5,00 pontos)

TEXTO 25

FRAGMENTO DO CONTO "A CASA DO NEVOEIRO"

À memória de meu pai, Edmilson Soares de Oliveira,

que tantas histórias fantásticas ouviu sobre homens e feras,

acontecidas nas ribeiras do Rio Jaguaribe do então Siará Grande.

A sala ampla estava parcamente iluminada por uma lamparina grande e enferrujada, das antigas. Havia ali três bancos toscos, cujas pernas pareciam troncos retorcidos. Um vento frio soprou vindo de fora. O viajante sentiu um arrepio, porque sentiu como se uma sombra passasse diante dos olhos.

– O senhor mora aqui sozinho?

– É. O senhor está cansado, gostaria de dormir aqui, por hoje?

– Fico agradecido. Não vou incomodar o senhor?

– Não. Aqui, neste quarto, tem uma esteira de palha. É tudo o que tenho. O senhor se incomoda em dormir no chão?

– Que nada! Tenho passado noites ao relento. Uma esteira já é um luxo.

Instalado o viajante no quarto e saciada sua sede, o velho levou a lamparina, tudo se fez escuro. Havia algo de estranho ali. Sentiu como se as paredes tivessem olhos e o estivessem fitando com avidez.

Dormiu por fim, exausto que estava.

O sol brilhava alto no firmamento quando ele estremeceu, assustado. Acordou e sentiu o chão quente. Que estranho, a esteira havia desaparecido! Estava com a roupa suja de areia e mato.

Levantou-se para sacudir a sujeira e, só então, percebeu que estivera, de fato, deitado no chão. A casa havia sumido. Tinha certeza de que o lugar era o mesmo. Lá estava o cavalo preso à árvore. Mas onde estava a casa? Deus do céu, o que era aquilo? Assombração? Tivera uma experiência com o além? Estava delirando devido à fome?

Convenceu a si mesmo de que tivera apenas um sonho que parecera real. O nevoeiro, a casa, o velho, a esteira... Tudo não passara de um sonho que se abatera sobre uma alma fatigada pelo corpo castigado por um longo dia de estrada, de fome e sede.

Adiante, havia um povoado. Entrou numa bodega. Dois homens conversavam numa mesa ao lado da janela.

– Então, compadre, viu o nevoeiro ontem?

– A Zefa viu; eu nem tive coragem de sair na porta.

– E a Zefa viu quando a casa apareceu?

– Ora se! Meteu o pé na carreira para dentro da cozinha.

O forasteiro se aproximou. Perguntou por que tanto medo assim de um nevoeiro.

– O moço não é daqui, vê-se logo. Não sabe que, em noite em que o nevoeiro desce e a casa aparece, o velho vem para levar alguém.

– O velho?

– Sim, é um velho que mora na casa-fantasma. Ele vem para tentar levar alguém para dentro da casa. Quem entra naquela assombração fica com as horas contadas.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

– Horas contadas? Como assim?

– Quem entra na casa do velho tem apenas um dia de vida. O velho é a morte em pessoa.

– E os senhores acreditam nessas crendices do povo?

– Ora não, seu moço! Nosso compadre Chico Cipó entrou na casa e disse para todo mundo, com orgulho de ser corajoso; não deu outra: amanheceu morto.

– De quê?

– Diz a mulher dele que do coração. TUM, Tum, tum... parou de uma vez, e o cabra se foi.

– Ora, isso deve ser coincidência.

– O povo todo daqui não sai de casa em dia de nevoeiro nem que chova dinheiro.

O forasteiro tomou o rumo da estrada.

Anoiteceu. O viajante ainda estava impressionado com a história da casa do nevoeiro, mas procurava dizer a si mesmo que tudo aquilo não passava de superstição daquele povo do sertão que... Ouviu um barulho, como de mato sendo pisado.

Estava dentro da caatinga, o povoado ficara para trás. Ouviu agora como um grunhido. Apeou do cavalo, amarrou-o em um juazeiro ali perto.

A noite estava mais clara que a anterior. A lua se fazia majestosa no céu.

Pegou seu punhal no alforje e esperou. Um barulho ali perto o assustou. Voltou-se e viu que seu cavalo se soltara e corria como louco, voltando ao caminho pelo qual vieram.

Como foi possível se soltar, eu amarrei tão bem e... Estava nesse pensamento quando viu sair da mata uma magnífica onça pintada. Com certeza, era um adulto, devia pesar tantas arrobas.

Apertou o punhal forte entre os dedos e encarou o animal. Seus olhos brilhavam na escuridão, como que envoltos por um... Espere, por um instante pareceu ver nos olhos da onça as feições do velho da casa.

Seu corpo esmoreceu. O medo assaltou-lhe o coração, furiosamente.

A onça soltou seu rugido medonho na escuridão da noite.

Fonte: FREIRE, Ed. A Casa do Nevoeiro. In: SALGUEIRO, Pedro (org.). **O Cravo Roxo do Diabo**: o Conto Fantástico no Ceará. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011, p. 451-454.

TEXTO 26

Nessa hora, para uma visão contemporânea da literatura sobrenatural, como propuseram Lovecraft (1973) e Lachmann (2002), todas as narrativas que apresentam um evento de natureza insólita são igualmente fantásticas, o que nos dá o direito de utilizar, em substituição à noção de gênero, a expressão Literatura Fantástica (LF) para todos os textos dessa natureza, inclusive para os contos que aqui serão analisados.

Por fim, quando a personagem ou o leitor implícito aceitar o fato insólito como algo comum, estaremos no domínio do Maravilhoso puro; quando aceitar um tipo de causalidade específica como razão do evento, gerando o sobrenatural explicado, denominaremos Estranho puro; quando aceitar que o fato narrado comporta tanto a explicação racional como a dúvida, teremos o Fantástico-estranho; ou ainda quando aceitar que a situação, que alimenta uma dúvida, também mantém algo mágico que não é explicado por leis naturais, teremos o Fantástico-maravilhoso, não esquecendo que a denominação LF, nessa visão maximalista, pode ainda abarcar, e tem sido assim, outros gêneros como o maravilhoso instrumental (a science-fiction), o horror, o policial, o absurdo etc.

Fonte: PAULA JR., Francisco Vicente de. **O fantástico feminino nos contos de três escritoras brasileiras**. Tese (Doutorado) – UFPB, 2011, p. 37-38. Disponível em: Tese-Fantastico-Feminino-Vicente-Jr.pdf

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Vicente de Paula Jr., professor de Literatura da UVA, criador do GRELF (Grupo de Estudos de Literatura Fantástica) e referência nos estudos de Literatura Fantástica, no primeiro capítulo de sua tese, faz uma elucidativa explicação sobre as diferenças entre Fantástico, Maravilhoso e Estranho.

Observando o conto e tendo como aporte a tese mencionada, assinale uma alternativa:

A.

O cravo roxo do diabo, livro no qual se encontra o conto de Ed Freire, é uma produção organizada por Pedro Salgueiro, que reúne textos da Literatura cearense de teor sobrenatural. A coletânea, editada uma única vez, contempla os séculos XIX, XX e XXI.

B.

Se o viajante acordasse e tivesse a certeza de que tudo não havia passado de um sonho, o conto seria Estranho puro. No final, o personagem "pareceu ver nos olhos da onça as feições do velho". Aqui, o verbo "parecer" levanta a ideia da dúvida, o que caracteriza o texto como Fantástico-estranho.

C.

A dedicatória do conto pode revelar que o sobrenatural vai além da literatura impressa, mas também está nas narrativas orais. Além disso, ele também faz parte do nosso folclore. Luís da Câmara Cascudo e Leonardo Mota são estudiosos da cultura popular que apresentam essa particularidade.

D.

Em "A casa do nevoeiro", de Ed Freire, o final da narrativa consolida um exemplo de Maravilhoso puro, uma vez que os personagens da trama viam o ocorrido como algo comum, corriqueiro por aquelas paragens. Isso pode ser comprovado no diálogo apresentado na bodega.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 20 (5,00 pontos)

TEXTO 27

O cangaço na imprensa e na História

As menções feitas ao cangaço na imprensa cearense não possuem um corpo homogêneo, elas diferem no sentido que buscam atingir, diferem também em tamanho e número. Essas notícias podem aparecer, ainda, em diversos momentos e em lugares distintos nas folhas: artigos, editais, telegramas e mesmo em anúncios. Com exceção dos telegramas, que normalmente são mais curtos, havia nos periódicos várias matérias sobre a temática, boa parte estampando as primeiras páginas, por vezes, estendendo a discussão para duas ou mais páginas. Chamadas com letras garrafais somadas aos recursos linguísticos e apelos emocionais para atrair a atenção do leitor, que, em um misto de curiosidade e medo, buscava saber como se deu a última investida de Lampião e seu grupo, eleitos no último quinquênio da década de 1920 como alvo da ênfase noticiosa da imprensa.

(...) É interessante perceber como, aos poucos, vai se operando uma mudança discursiva sobre o banditismo à medida em que se avança os anos de experiência na jovem República. Desde os acontecimentos marcados pela Sedição de Juazeiro, passando pela crise da seca de 1915, nota-se o tema encarado com gravidade cada vez maior. Essa mudança discursiva está diretamente ligada com as mudanças sociais, isto é, o contexto histórico-social no qual se inserem os sujeitos e, consequentemente, seus discursos. (...)

(...) são dois momentos em que as notícias sobre o cangaço voltam a aparecer nos jornais do Ceará durante os anos 1930. O primeiro deles é quando se tem sucesso a empreitada do sírio-libanês Benjamim Abrahão de se fazer um filme de Lampião e seu grupo em plena caatinga. O documentário foi posteriormente censurado pelo Estado Novo, afinal, como questiona o Jornal O Povo, "Será possível (...), que se possa ainda, por esses tempos tão mudados, filmar um bandoleiro, um gangster, um assassino mil vezes assassino e não se tenha meios de apanhá-lo?" (O POVO, 28/12/1936, p. 01). Ora, as imagens teriam o poder de demonstrar, até certo ponto, a incapacidade dos Estados em acabar com o cangaço: como pode há tanto tempo o governo tentar pôr fim às ações desses indivíduos e, diante de seus insucessos, um sujeito permanecer na caatinga filmando e fotografando os cangaceiros? Havia ainda o medo do filme ser transformado em uma apologia ao cangaço, fenômeno que manchava a imagem da República.

O segundo momento de aparição das notícias sobre os cangaceiros nesse período será depois da morte de Lampião, Maria Bonita e alguns integrantes de seu grupo na grota dos Angicos, Sergipe, em julho de 1938. Jornais de todo o Nordeste vão noticiar o fim do "capitão do sertão". Telegramas são enviados noticiando o grande feito das forças volantes alagoanas lideradas pelo Tenente João Bezerra. "Decapitados Lampeão, sua mulher nove comparsas" (O POVO, 29/07/1938, p. 01), publica o jornal em letras garrafais. Há uma espécie de celebração macabra onde se mistura a euforia da notícia da morte do célebre bandido, com uma legitimação da violência: "as cabeças dos bandidos esperadas em Maceió" (O POVO, 29/07/1938, p. 01). Ora, sob os auspícios do Estado Novo, reforçava-se o poder da imprensa em "disciplinar" a todos para não seguir os caminhos do cangaço, ao mesmo tempo que ajudava a legitimar o governo varguista, pois agora "os sertões nordestinos estavam livres de uma praga infernal" (O POVO, 29/07/1938, p. 01) que tanto aterrorizou as famílias sertanejas.

Na verdade, pode-se observar que os jornais preferiam as narrativas de violência e medo. O cangaço vai aparecer também ligado à violência gratuita e à crueldade desmedida. São denúncias que querem mostrar uma sociedade em crise, quase convulsionando, degenerada e fatalmente condenada, quase sem saída. Medo desses indivíduos que não perdoam as propriedades privadas, os lares aflitos dos pobres, a honra das famílias.

Fonte: SANTOS, Francisco Wilton Moreira dos. A imagem do cangaço nos jornais cearenses (1920-1930). In: 30º Simpósio Nacional de História - ANPUH-Brasil. **Anais**. Recife/PE, 2019, p. 4-8. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/site/anais

Sobre a temática abordada no fragmento, escolha uma das alternativas.

A.

De certa forma, as notícias no Jornal O Povo reproduzem o pensamento de setores dos poderes estatais e das elites.

B.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

O documento retrata episódios do cangaço registrados em diferentes tipos de meios de comunicação cearenses, nas décadas de 1920 e 1930.

C.

Apesar dos relatos jornalísticos, o crescimento do número de cangaceiros, no Nordeste, deveu-se ao declínio do Coronelismo, concomitante à valorização dos cantadores populares, no final do regime imperial brasileiro.

D.

A questão do cangaço é bastante complexa, devendo ser compreendida de acordo com as características temporais e espaciais em que está inserida, pois transcende a mera discussão dicotômica de que os cangaceiros teriam sido heróis ou bandidos.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

Questão 21 (5,00 pontos)



Disponível em: http://www.fortalezanobre.com.br/2012/06/figuras-que-se-perderam-no-tempo.html



Fonte: MORAES, 2023, p. 87. Disponível em: http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=113079

TEXTO 28

Fortaleza e o vício colonial do apagamento do povo preto no Ceará

Por que Raimundo passava sempre pelo mesmo lugar? Por que fazia questão de não esconder seu corpo do ódio?

Quem de nós já não ouviu que no Ceará não tem negros? Essa narrativa que muitas pessoas apresentam no senso comum vem, na verdade, do racismo e da forma como essa violência estrutura a percepção da nossa identidade. Além de nos apagar fisicamente, através de chacinas, descaso com a saúde pública, difícil acesso a emprego, as instituições promovem o apagamento de nossa memória histórica, das contribuições de nossos ancestrais para a sociedade que vivemos hoje.

Fortaleza tem especificidades que incidem de maneira articulada com a forma pela qual tratamos nossas referências históricas. Alguns ancestrais, tais como Francisco José do Nascimento, Dragão do Mar e, mais recentemente, Preta Tia Simoa, são lembrados/as e reconhecidos/as pela sua importância demarcada em processos de resistência como a Revolta dos Jangadeiros, que marcou a abolição da escravidão na província, antes inclusive da abolição em nível nacional. Entretanto, somos condicionados a esquecer outras histórias fundamentalmente importantes e que contribuíram para a resistência e demarcação da existência do negro em nossa história.

Uma delas trata-se da história de Raimundo, conhecido como "Burra Preta", que ficou conhecido pela forma como reagia quando gritavam seu apelido em plena Praça do Ferreira. Retratado pelo memorialista Zelino Amada em seu texto "Um tal de Burra Preta", Raimundo marcou o cotidiano da praça entre os anos 70 e 80. A maneira como sua história é contada, e o modo como é descrito expressam uma visão compartilhada sobre os corpos negros em Fortaleza.

Sua importância para a história negra de Fortaleza se dá pela sua imponência, personalidade, pois, segundo relatos, Raimundo não era necessariamente agressivo, mas debochava das pessoas que o chamavam pelo apelido, promovendo verdadeiras performances em meio aos gritos "Burra Preta! Burra Preta", experimentando outras formas de resistência e existência. Por que Raimundo, apesar dos gritos, passava sempre pelo mesmo lugar? Por que fazia questão de não esconder ou desviar seu corpo do ódio?

São inúmeros relatos difundidos na internet, charges de jornais da época e mais atuais que retratam seu corpo e sua imagem sob a ótica da animalização. A história de Raimundo Preta evidencia como a nossa ancestralidade local é "esquecida" e marginalizada, no sentido de não ser discutida e difundida, principalmente quando se trata de corpos pretos e LGBTQIA+. Para além de estudos acadêmicos, precisamos resgatar nossas histórias e dar dignidade a essas memórias.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2

A naturalização do seu apelido e o desinteresse da comunidade acadêmica em investigar sua trajetória e a forma como seu corpo é descrito e narrado apontam evidências fortes que o racismo condiciona o conhecimento que temos de nossas histórias e limita o acesso que temos à memória dos nossos antepassados. Nesse sentido, a história de Raimundo aponta fraturas na visão colonial de Fortaleza sobre os corpos negros e nos mostra, além do tempo e do apagamento, a potência de nossa (re)xistência.

Fonte: VIDAL, 2023.

CONTEÚDO RELACIONADO:

Figuras que se perderam no tempo. **Fortaleza Nobre**. Disponível em: http://www.fortalezanobre.com.br/2012/06/figuras-que-se-perderam-no-tempo.html

MORAES, Lucas Vidal Silva. **De burra preta a Raimundo**: Itinerário de uma história soterrada. 2023. 151 f. Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=113079

VIDAL, Lucas. Fortaleza e o vício colonial do apagamento do povo preto no Ceará. **BRASIL DE FATO**, 2023. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/10/04/fortaleza-e-o-vicio-colonial-do-apagamento-do-povo-preto-no-ceara/

Após refletir sobre as imagens e o texto, escolha uma alternativa:

A.

Raimundo, mais conhecido como Burra Preta, foi um personagem carismático da cidade de Fortaleza, que conquistou popularidade, respeito e notoriedade por sua luta contra a homofobia e o preconceito racial, em uma época em que pouco se discutia sobre a participação e os lugares de fala da população negra.

B.

O texto destaca que a representação de Raimundo nas charges evidencia um processo de animalização de seu corpo, refletindo práticas de brutalização e desumanização historicamente direcionadas a grupos e sujeitos sociais historicamente marginalizados.

C.

Os documentos revelam a violência contra corpos negros tratada como brincadeira, sugerindo sua aceitação, transformando o negro em seu próprio algoz e construindo narrativas que minimizaram os conflitos raciais e legitimaram a ideia de uma integração social pacífica no Brasil.

D.

Indivíduos como Raimundo, cuja presença constante no espaço urbano se manifesta por meio de comportamentos e atitudes recorrentes, têm o potencial de se consolidar como figuras simbólicas, integrando de maneira significativa o imaginário coletivo e cultural da cidade.

Autenticidade: https://olimpo.ifce.edu.br/prova-pdf/autenticar/
ID da fase: 154
Código: d82c37d6dfcf28d2